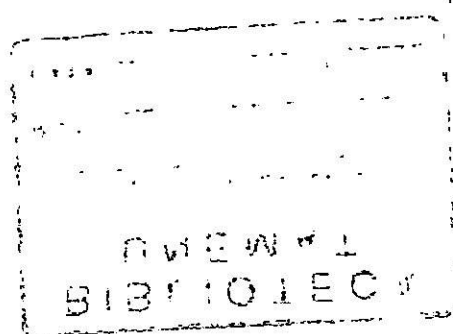


811.1
P328m
Ex 1
C 92569766

nae

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Santos e Lacerda - MT	
RG N.º	<u>8143</u>
Data	<u>05, 02, 03</u>



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UM OLHAR SOBRE OS CONCEITOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS DO
SUBSTANTIVO NUMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

EDNA APARECIDA SILVA PAULINO

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UM OLHAR SOBRE OS CONCEITOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS DO
SUBSTANTIVO NUMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

Ensaio monográfico apresentado à
UNEMAT/campus Universitário de
Pontes e Lacerda como requisito final
para obtenção do grau de Licenciada em
letras.

Orientadora: Prof^ª. Marlene Flores

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

Edna Aparecida Silva Paulino

Profª. Marlene Flores de Souza
(Orientação)

Profª. Ms. Madalena Machado
(Coordenadora da Monografia)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Ivan José Paulino e as minhas filhas Mayara Thalita e Thayná Mariane, que estiveram ao meu lado sempre que precisei.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me encorajado sempre a ir à luta e por ter-me estendido a mão todas as vezes que tropecei nas pedras dos caminhos da vida.

À minha família que de uma forma ou de outra me incentivaram a chegar até aqui.

A todos os meus colegas de classe, que juntamente comigo lutaram pelo mesmo objetivo.

A todos os meus professores, por estarem sempre dispostos a me ajudarem. Em especial a professora Marlene Flores de Souza que me acompanhou neste trabalho. A todos que direta ou indiretamente, participaram dessa etapa tão importante da minha vida.

O Português é uma língua tão fácil que qualquer criança que nasce no Brasil aprende em dois ou três anos. E é tão difícil que os gramáticos e os lingüistas não conseguem explicá-la na sua totalidade.

(Sírio Possenti, 2001:27)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OLHARES GRAMATICAIS	9
UM OLHAR SOBRE OS CONCEITOS POLÍTICOS-IDEOLÓGICOS DO SUBSTANTIVO NUMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
BIBLIOGRAFIA	24

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como objeto de estudo o substantivo, assunto tratado na gramática normativa, como se fosse algo estático e fechado, não compreendendo os deslocamentos que ele pode ter na língua.

De acordo com a Gramática Tradicional (G.T.), o “substantivo designa nomes aos seres em geral”; esta definição está baseada no princípio platoniano. Mas será que há consistência nessa definição? Será que o substantivo designa nomes aos seres em geral? Vejamos o seguinte exemplo: A falta de honestidade dos políticos. Nesse caso a palavra falta é classificada como substantivo, no entanto, não representa um ser e não a encontramos nas exemplificações gramaticais, porque ela não se encaixa na definição de substantivo./verificamos que a arte de representar o substantivo sobre um plano como se apresentam à vista, segundo a Gramática Tradicional é insuficiente para o funcionamento dos adjetivos, pois não consegue representar em suas definições, todas as situações de fala e escrita.

O ensino da Gramática nas aulas de língua portuguesa tem representado um problema constante para professores. Muitas vezes os professores acabam não fazendo nada que seja significativo para a vida do aluno. Com base nessas observações, resolvemos realizar um estudo específico, voltado não somente para os níveis sintáticos ou semânticos, mas um todo, destacando um aspecto relevante não explicado de forma satisfatória pela Gramática Tradicional, a definição de substantivo.

Esse trabalho se justifica por observarmos que há pouca definição e insuficiência de estudos sobre o substantivo.

A partir de questionamentos e inquietudes na área de gramática, é que surgiu esta pesquisa. Assim lançamos as seguintes perguntas: o que é substantivo? O que são seres?

Como podemos compreender o que é substantivo se existe um paradoxo na própria gramática normativa da língua portuguesa, esta que deveria ser para nós um lugar de compreensão nos deixa dúvidas e divide a língua portuguesa em falada e escrita, ou melhor não considera a fala. Sendo que a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. A fala é tão praticada a ponto de ser dominada e não precisa ser transformada em objeto de estudo como as regras no estudo gramatical. Assim nas próximas páginas estaremos discutindo esse plano de estudo embasados em teóricos como Perini, Possenti, Cintra, Cegala, Bechara, Pascoal e outros como Luiz Francisco Dias, Marcos Bagno, Arnauld e Lancelot.

OLHARES GRAMATICAIS

Presume-se que a linguagem vem sendo estudada a mais de dois mil anos. A linguagem designa uma faculdade humana de usar signos como objetivos de conhecimentos, portanto ela é um dispositivo que caracteriza a espécie humana, como um sujeito reflexivo, pois através da linguagem conseguimos nos tornar seres sociais racionais, participantes de uma língua a qual denominamos uma língua histórica, porque cada língua tem suas características típicas, no entanto, podemos dizer que as línguas não são apenas um código, mas uma atividade interativa, dialógica.

Segundo Bagno, o estudo sobre a linguagem e língua deu-se no início com grandes escritores do passado “aqueles que são chamados os clássicos da língua”. Esse estudo começou na Grécia, na cidade de Alexandria, importante centro para os estudiosos da grande literatura clássica. Esses estudiosos, chamados filólogos preocupados em conservar a origem da língua, tiveram a iniciativa de formular as regras gramaticais que a partir daí seriam usadas pelos grandes autores do passado como Homero, autor das obras *Iliada* e *Odisséia*.

Foi assim que surgiu a gramática que hoje é chamada de Gramática Tradicional (G.T.). Ela surgiu com objetivo de dedicar-se exclusivamente à língua escrita, e deixou de fora a oralidade, mas essa atitude foi tomada para atender ao tipo de sociedade daquela época em que a cultura que dominava as letras era restrita e pertencia a classe que tinha um maior poder econômico e político, isto é, a aristocracia, os quais ditavam as regras. Essas regras foram comparadas com uma régua que serve para medir o que é linear e corrigir o que não está correto.

Se pensarmos na época em que foram criadas essas regras, e na evolução dos tempos, vemos claramente a necessidade da pesquisa, a gramática é o ponto de partida. Segundo Bagno (2001:18), *a Gramática Tradicional tem sérios problemas internos, suas regras, suas definições, seus conceitos muitas vezes são incoerentes paradoxais, confuso e até contraditório.*

Esses problemas muitas vezes não são visíveis, porque a gramática vem sendo ensinada nas escolas de forma incorreta, sem organização lógica, como por exemplo, a definição de substantivo que aparece nos livros didáticos como: “substantivo designa nome aos seres em geral” e algumas palavras não são seres as quais abordaremos na análise.

Segundo Perini (2001:54), *como aprender uma disciplina que não tem organização lógica, não é de se espantar que ninguém goste dela.*

Partindo desse pressuposto, supõe-se que esse seja um dos motivos pelo qual os alunos não se interessam em aprofundar os estudos das classes gramaticais, se não gostam da matéria abordada, jamais irão se aprofundar nela, as mesmas nos dão a impressão de exaustividade as custas de uma vagueza, e é através do conhecimento da língua que compreendemos o que as gramáticas dizem a seu respeito.

Sabemos, que os tópicos gramaticais muitas vezes aparecem nos livros didáticos separadamente, ou seja, o ensino de português tem acompanhado a estrutura do livro didático que tem acontecido em três eixos como: leitura, gramática e produção. Essa situação é perversa, porque isola a gramática.

Segundo Mendonça (2001:113)

Várias pesquisas já apontaram a ineficiência do ensino de nomenclaturas ou de regras gramaticais desvinculadas de seus efetivos contextos de uso e funcionamento – o texto – seja como objeto de leitura ou de produção.

Entretanto o que se critica na abordagem feita é a forma como é aplicada a gramática nas escolas, e como aparece a gramática nas escolas, e como aparece a gramática nos Livros Didáticos. Portanto é comum ver alunos que terminam o ensino médio e entram na universidade sem saber até mesmo conceitos de certas classes de palavras. E isso é consequência de uma má formulação dos próprios livros didáticos que são veículos de informação utilizados nas escolas.

Não é de se espantar que ninguém tenha segurança nessa matéria, não é de se espantar que ninguém goste dela. (Possenti: 2001, 54).

Percebemos então que devemos deixar de ver a gramática como uma doutrina “sagrada” e devemos nos unir aos estudiosos da gramática para que ela possa voltar ao seu lugar de origem que é o da investigação do processo da linguagem e procurar compreender a relação da língua e do pensamento, do uso da gramática e do discurso, ambos devem ser trabalhados juntos. Para que isso aconteça cada vez mais não devemos ficar de braços cruzados esperando que alguém se encarregue do trabalho, e encontre soluções para todas as questões.

Possenti (2001:85), diz que *a gramática é o ponto de partida e cabe a cada um de nos ampliar nossos conhecimentos lançando desafios e curiosidades intelectuais.*

A gramática não está pronta e acabada, surge então, a curiosidade de ir além, nos estudos das regras gramaticais e pesquisar com mais detalhes sobre a definição do substantivo. Por isso o objetivo de pesquisarmos sobre substantivo, que do ponto de vista da enunciação tem aspectos importantes que é o conhecimento, a identificação do próprio objeto de conhecimento e a relação entre o discurso da gramática e o discurso construído entre professor e aluno. Nesse sentido procuraremos mostrar que essas palavras têm um papel importante na construção do sentido do texto, dentro da semântica e da pragmática.

Tratando do substantivo que o ensino do mesmo só faz sentido se adotarmos o texto como unidade de análise, produzindo assim o próprio discurso. Nessa nova perspectiva, “as definições não são mais suficientes, nem mesmo necessário, já que é no contexto que o significado do substantivo se constrói.”

Exemplo: A porta está fechada e alguém chega e bate na porta, pedimos a funcionária que está perto da porta: “A porta, por favor”, a funcionária pega no trinco da porta e abre e a pessoa entra. Após ter entregado a encomenda ela sai e falamos novamente para a funcionária: “A porta, por favor”. E a porta volta a ser fechada.

Notamos que as palavras foram pronunciadas do mesmo modo, mas surtiu dois efeitos diferentes abrir a porta e fechar a porta. Sintaticamente não houve nenhuma mudança. Mas, se levamos em conta o contexto de enunciação a primeira ocorrência, significou abrir e a segunda significou fechar. Essa foi a semântica dos enunciados e a pragmática foi quando usamos apenas quatro palavras e conseguimos levar uma pessoa a entender e fazer o que nós desejávamos.

Segundo Bagno (2001:36), devemos: *Levar em conta esses três critérios de análise – o sintático, o semântico e o pragmático – é indispensável na hora de examinarmos qualquer fato da língua.*

Este trabalho busca fazer uma reflexão a partir da crítica ao conceito atribuído, pela gramática tradicional, aos substantivos. Temos por objetivo verificar nos Livros Didáticos e Gramáticas a aplicabilidade do conceito de substantivos.

UM OLHAR SOBRE OS CONCEITOS POLÍTICOS-IDEOLÓGICOS DO SUBSTANTIVO NUMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

A partir das abordagens teóricas nós traremos através de análise sobre o conceito de substantivo apresentado em livros didáticos e gramáticas normativas, que é possível aprender substantivo através de pesquisas e estudos mais aprofundados no âmbito da semântica, de Filosofia da Linguagem e da Pragmática.

As classes de palavras são vistas em alguns Livros Didáticos como elementos isolados, desvinculados da própria linguagem, como o conceito da palavra em si e não num contexto. Se pegarmos uma frase (nem é o texto todo) e cortamos um pedacinho e damos um nome para cada um deles, sintaticamente aprendemos muito sobre elas, mas perderíamos muito de aprender tantas outras coisas como: Quem usou essa frase? Ou Quem falou ou escreveu? Ou talvez perderia o sentido da frase, como: para que escreveu? A nacionalidade do falante, sexo e outros como a que coisa do mundo real se refere o texto apresentado?

Pensando nisso é que envolve a necessidade de ver os substantivos também de outro lugar, resolvemos então fazer um estudo mais aprofundado sobre a definição de substantivo.

Segundo Luiz Francisco, a definição de substantivo presente nas Gramáticas Tradicionais está baseada no princípio platoniano. Para Platão, a língua seria como representação do mundo, portanto era necessário existir uma entidade extralingüística que não teria nenhuma relação conosco, dependeria unicamente de sua própria natureza.

Escolhemos alguns Gramáticos Tradicionais de uso constante nas escolas, para verificarmos seus conceitos de substantivos.

Para Bechara (1997:73), *substantivo é o nome com que designamos seres em geral, pessoas, animais e coisas.*

Para Douglas Tufano (1990:47), *o substantivo é a palavra que designamos os seres em geral. Quanto à forma, ele pode ser simples (quando possui apenas um elemento – chuva) ou composto (quando possui mais de um elemento – guarda-chuva).*

Lima (1992:66), *substantivo é a palavra com que nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações ou estados, considerados em si mesmo, independentemente dos seres com que se relacionam.*

Na verdade essas regras estão impostas e algumas classes são razoavelmente bem estabelecidas, mas geralmente não são bem definidas.

Os conceitos de substantivo que é o objeto central de nossa pesquisa apresentam falhas, as quais merecem estudos mais aprofundados, por exemplo:

As palavras “ausência”, “inexistência” e “falta” são termos classificados como substantivos, mas não apresentam características semânticas de substantivos, segundo o parâmetro da gramática tradicional. Se o substantivo é o termo que nomeia ou designa algo no mundo, como essas palavras poderiam ser consideradas substantivos?

(Amorim e Dias, 2001:242)

Seria interessante que aparecessem essas dúvidas, como a palavra “ausência” que recebe o nome de substantivo e não é “um ser e nem coisas”, nos livros didáticos porque assim o aluno e professor teriam com certeza a curiosidade de pesquisar sobre o assunto abordado e muitos outros, ao invés de ficar decorando regras.

Para Possenti (2001:30), *saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas.*

Estamos tentando mostrar que os conceitos de substantivo presentes nas gramáticas estão adaptados numa concepção bastante discutível como diz Perini, *A gramática não está pronta e acabada. Se a gramática não está pronta e acabada, porque não ir do que está imposto?*

Acreditamos que essa iniciativa deve ser do professor que muitas vezes está arraigado nos conceitos da Gramática Tradicional, nunca se vê um professor pesquisando essas falhas, geralmente, passa para os alunos aquelas regras que estão prontas nos Livros Didáticos.

Pensando melhor, porque o estudo da Gramática não acontece como o estudo da Literatura, da História, da Geografia, e até mesmo da Matemática, os estudiosos dessas áreas estão em constantes pesquisas. Ao analisarmos os Livros Didáticos de História, Geografia enfim, essas disciplinas que citamos anteriormente, os conteúdos também são impostos de forma delimitada, mas nunca fica naquilo que está imposto, os professores e alunos estão sempre pesquisando em busca de novas informações.

Por exemplo, aparece no Livro Didático sobre o descobrimento da Brasil, até um certo tempo nossas crianças acreditavam no bondoso Pedro Álvares Cabral, o “descobridor” das nossas terras. Hoje já se tem uma outra visão dessa mesma história e por quê? Porque houve pesquisas, alguém se incomodou e foi além do que está imposto nos Livros Didáticos. E olha que a História do Brasil é bem mais nova que as regras gramaticais.

Mas já começam a aparecer novos pesquisadores do ensino de gramática, inconformados com as regras impostas pela Gramática Tradicional que faz o seguinte comentário:

Enfim não dá para ficar de braços cruzados queixando-se das dificuldades de ensinar gramática, à espera de que um autor se encarregue do trabalho todo e produza um livro didático com todas as respostas prontas.

(Dias, 1998:8)

A gramática é uma disciplina que ocupamos no dia-a-dia como as demais disciplinas científicas, e, no entanto pouco se estuda sobre ela. Entendemos que cada parte do nosso corpo é estudado constantemente, o nosso comportamento, e assim é a natureza, os fenômenos, no entanto a gramática que é parte da ciência da linguagem pouco se sabe sobre ela. Graças a chegada da sociolinguística, que veio para acentuar a inadequação das Gramáticas Normativas Tradicionais que tratam da língua como se ela fosse uma única coisa, imóvel, uniforme. Esse

estudo científico dos fatos da língua agora ficou difícil aceitar declarações definidas pelas Gramáticas Tradicionais. Em suma, empreender o estudo da Gramática das línguas dentro de uma perspectiva científica de acordo com os conceitos modernos de ciência. Para isso devemos usar as Gramáticas e os Livros Didáticos com olhos críticos abordando a gramática apresentada nos Livros Didáticos e levando para o estudo científico da linguagem. Como podemos observar algumas falhas nos Livros Didáticos a seguir mencionados.

Se olharmos como críticos da Gramática percebemos que ficou de fora o contexto de enunciação.

Observamos o Livro Didático Lições de Gramática, 5ª série, Luiz Antônio Ferreira (1999:30), o substantivo substitui um nome, segundo o autor, seria impossível a comunicação sem o uso do substantivo, isto porque não teríamos palavras para indicar as coisas que existem, e os fenômenos do mundo.

Exemplo 1 – Que coisa Pedro enviou para Ivo?

Resposta: Bilhete. (bilhete é o nome de uma coisa) (Ferreira, 1999:30).

Como poderíamos saber essa coisa se não estivesse um nome específico? Diria que essa coisa seria um bilhete. E quem seria ele, se não sabemos de quem se fala? Observe:

Exemplo: que coisa ele enviou pra Ivo?

Se substituíssemos p pronome ele por Pedro, entenderíamos melhor o enunciado. Essas são as informações trazidas pelo Livro Didático.

Presume-se então que o livro didático contribui muito pouco para explicar a definição do substantivo.

Neves (2001:27), em sua pesquisa sobre o Livro Didático aborda que: *As críticas ao Livro em uso se dirigem, em geral, a abrangência e profundidade da matéria apresentada, considerando incompleta, resumida, superficial ou com insuficiente exercitação.*

É visível que o referido livro não está trabalhando adequadamente, tanto no conhecimento da língua quanto os seus usos através das múltiplas faces de significações, ou seja,

se trata de um ensino limitado e fiel a Gramática Tradicional. Queremos dizer com isso que o conceito de substantivo resume-se apenas no conceito imposto pela Gramática Tradicional, e não deixa margem para questionamentos, o que faz com que o aluno tenta decorar as regras, que na maioria das vezes não consegue aprender e se acomoda, e pára por aí, é por isso que se estuda por exemplo, sobre o substantivo, das séries iniciais até o ensino médio e não se aprende. Cabe aos professores da língua portuguesa usar o livro também como um objeto de pesquisas.

Quanto a qualidade, há indicações genéricas, como má elaboração, na compartimentação, ilogicidade ou falta de embasamento para os exercícios propostos. Refere-se à obtenção de metas apenas uma indicação, a de que a parte gramatical do livro não leva à reflexão.

(Neves, 2001:27)

Diante da citação vemos que as informações contidas no Livro Didático Lições de Gramática, não são suficientes para o entendimento da classe gramatical em estudo. Por tanto vemos a necessidade de que se estimule o aluno a questionar os conceitos gramaticais pré-estabelecidos. Para que isso aconteça é necessário que o professor levante questionamentos, sugerir pesquisas, para que o aluno vá além do que está proposto na Gramática Tradicional.

Bagno acredita que precisa haver inquietação em relação à gramática, e para reverter essa situação, tornando esse ensino crítico, é preciso a *participação de todos os envolvidos: pesquisadores, acadêmicos, professores de ensino médio, fundamental e alunos.*

De acordo com os questionamentos feitos até aqui continuaremos com a análise sobre substantivos.

Exemplo: O homem é animal.

Sabemos que *substantivo nomeia coisas ou seres em geral*, o substantivo existe por ele mesmo, no discurso, enquanto o adjetivo, deve estar junto a outros nomes no discurso.

A palavra animal é substantivo porque existe por si mesmo no discurso, sem que tenham necessidade de um outro nome, mas na frase a palavra animal aparece como característica do ser

(homem), portanto, segundo a Gramática Tradicional, a palavra animal exerce a função de adjetivo. Por exemplo: O pobre em sua choupana. A palavra pobre é precedida de artigo, é tomada substantivamente.

Há porem, outros tipos de nomes que passam por substantivos, embora sejam de fato adjetivos. Designam também um sujeito ao qual essa forma convém. Citaremos os nomes de algumas profissões, como psicólogo, sociólogo, cantor, filólogos, filósofos e outros. O que faz com que esses nomes passem por substantivos, e quanto ao sujeito se trata de seres (homem), portanto não foi necessário acrescentar-lhes o substantivo, porque pode ser subentendido sem qualquer confusão. Já que a relação não pode ser estabelecida com nenhum outro nome. Por isso esses nomes assumiram no uso o que é atributo aos substantivos, que é substituir sozinho no discurso.

Segundo Arnauld e Lancelot (2001:34), *os substantivos substituem por eles mesmos enquanto os adjetivos só existem pelos substantivos*. Essa é a principal diferença entre as palavras que significam os objetos dos pensamentos.

Tendo em vista alguns aspectos dos substantivos, encontramos o problema entre o discurso da gramática e o discurso que está sendo construído na interação professor/aluno em sala de aula, notamos que durante muito tempo a abordagem nos Livros Didáticos e gramática é de cunho normativo, restringindo-se a verificar a adequação dos enunciados à variedade padrão da língua, adota conceitos e definições das gramáticas normativas e nesse caso o objeto de estudo é frase ou palavras isoladas. Sabendo-se que podemos fazer abordagem textual-discursiva e desenvolver habilidades dos falantes da língua para compreender e produzir textos orais e escritos nas mais diversas situações de interlocução. No eixo da leitura podemos analisar no texto algumas classes de palavras de acordo com a sua função sintática no texto e estabelecer relação de sentidos a partir das intenções de falantes situando num contexto social.

Luiz Francisco (2001:135), defende a posição segundo qual cabe no Livro Didático ir além da própria gramática, segundo ele a *sistematização da gramática por meio da reflexão*

metalingüística adquire num valor essencial que irá contribuir no processo textualização. Isso significa situar a gramática na perspectiva semântica-pragmático do funcionamento textual.

As gramáticas sempre praticaram um isolamento da língua, dos enunciados, sempre separaram a gramática do que estava a sua volta, como se a língua fosse uma coisa em si, fachada, independente, já a semântica produz efeitos diferentes no contexto de enunciação tentando passar o sentido do texto e não analisar sintaticamente cada palavra, e podemos também através do texto levar as pessoas a entender e questionar o sentido do texto.

Assim alcançaríamos um maior nível de abstração e aprofundamento com relação dos estudos do substantivo de acordo com a sua função de sentido textual.

Perini (2001:321), afirma que substantivo e adjetivo têm limites poucos claros, ele chega a dizer que *há razões para duvidar da existência de duas classes distintas.*

Observando o Livro Didático, curso moderno de Língua Portuguesa de Douglas Tufano (1995:93), a autor faz uma pergunta “substantivo ou adjetivo?”

Exemplo 1: Um jovem professor entrou na sala.

A palavra jovem modifica o substantivo professor, atribuindo-lhe uma característica, portanto é uma característica do ser.

Já essa outra frase, jovem é uma palavra que nomeia um ser, logo é um substantivo.

Notamos então que o substantivo é núcleo e constitui por si só um sintagma nominal. Enquanto a função do adjetivo é de modificador. Observando também os pronomes pessoais, que de certa forma é um substantivo, quando aparece na frase assim:

Exemplo: Ela ajuda a irmã.

O pronome ela exerce a função do núcleo logo é substantivo que representa o ser como pessoa do discurso.

Segundo Luiz Francisco (2001:70),

Há uma instabilidade na identificação de substantivos e pronomes justamente porque a relação entre a palavra,

enquanto entidade de ordem lingüística, se apaga frente a sua exterioridade, enquanto entidade no mundo.

Como vemos essa instabilidade já se encontra instalada nas gramáticas as quais dão suporte no ensino da língua portuguesa introduzida pelos Livros Didáticos e com relação à exterioridade nas Gramáticas Tradicionais ainda é muito precária. Percebemos então que a Gramática ainda é muito confusa porque as definições não são suficientes para descrever o comportamento gramatical.

Perini (2001:324), diz que *substantivos e adjetivos não podem ser colocados em apenas duas classes, sem deixar de exprimir propriedades importantes dos itens envolvidos.*

Encontramos também, segundo a Gramática Tradicional, que os verbos no infinitivo podem também, funcionar como substantivo, como podemos observar no Livro Didático Curso Moderno de Língua Portuguesa Douglas Tufano (1995:159).

Exemplo 1: Eu mergulho na piscina.

A palavra mergulho é um verbo no tempo presente do indicativo, 1ª pessoa do singular.

Exemplo 2: Veja o mergulho do menino .

A palavra mergulho está na função de substantivo comum.

Exemplo 3: Ela ajuda a irmã.

A palavra ajuda é um verbo no tempo presente do indicativo, 3ª pessoa do singular.

Exemplo 4: Quero sua preciosa ajuda.

A palavra ajuda nessa frase tem a função de substantivo comum.

Vemos então, que a forma da 1ª e 3ª pessoa do singular de alguns verbos é igual à forma de certos substantivos, o que devemos observar é que o substantivo pode vir acompanhando de artigos ou pronomes.

Como você vê as palavras mergulho e ajuda, na estão designando um ser. Podemos ainda observar que é comum usarmos o verbo no infinitivo, no lugar de um nome, quando dizemos: o beber, o falar, o escrever, essas palavras obedecem a uma categorização, ou seja, eles aparecem

na posição de substantivo. Mas uma vez notamos que a conceituação do substantivo apresenta falhas e merece uma reavaliação.

Luiz Francisco deixa bem claro quando diz que *o problema aqui levantado não reside nas palavras em si mesmo, caracterizados como substantivo, nem no seu significado, mas sim na conceituação do substantivo* (Amorim e Dias, 2000:241).

Gostaríamos de ressaltar ainda as palavras que indicam a falta dos seres, sendo que o substantivo é o termo que nomeia ou designa algo existente no mundo. Logo, as palavras matemática, gravidez falsa, falta, manha e outros são considerados substantivos. Então se substantivo é a palavra que nomeia os seres, e se tem um significado em que não encaixa essas palavras, existe uma falha porque essa noção não é nada clara.

O que sabemos é que essas palavras são substantivos pelo menos as gramáticas usuais, mas falta uma definição de substantivo que realmente possa explicar. E certamente as definições encontradas nas gramáticas não estão corretas, a menos que deixamos de considerar essas palavras como substantivo.

(Perini, 2001:85)

Outra questão relevante é a questão da palavra “papisa”, que é o feminino de papa (representação religiosa) acontece que nunca se ouviu falar na existência desse ser, pois o papa não tem mulher, que seria no caso a papisa. Portanto essa palavra tem sua existência puramente gramatical. Novamente nos deparamos com uma noção que não é clara, uma vez que, de acordo com Luiz Francisco “segundo a definição de substantivo, a existência precede o nome”, como podemos ter “papisa” como substantivo se essa entidade não existe?

Essa pesquisa continua com relação aos dias da semana, as estações do ano, os meses do ano, não seres e os mesmos são considerados substantivos, e são considerados substantivos

comuns. Foge a regra novamente, uma vez que o conceito de substantivo comum é a palavra que nomeia os seres da mesma espécie.

Poderíamos pensar assim. Em um mês há quatro semanas, logo temos quatro segundas-feiras, faz sentido, porque há um conjunto de segunda-feira, um mês entre os doze.

Esse tipo de perspectiva geralmente não aparece nos livros didáticos e conseqüentemente nas escolas, e não há preocupação por parte dos professores da língua portuguesa levantarem esses questionamentos, o que seria fundamental para os estudiosos de gramática, fazer da disciplina um objeto de pesquisa científica.

Em consonância com tal afirmação, o professor Luiz Francisco (1998:115) afirma que: *Defendemos a posição segundo a qual cabe ao Livro Didático ir além da própria gramática tradicional para oferecer ao aluno uma visão ampla do fenômeno gramatical. Certamente o conceito como referência e designação empregados no estudo do substantivo.*

Acreditamos que é possível a realização de um trabalho de pesquisa em “gramática nas escolas”. Segundo Possenti, a gramática oferece o ponto de partida, cabe a nós ampliarmos nossos conhecimentos, lançando desafios e partindo para o campo da pesquisa em busca de um saber mais constituído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos problemas apresentados pelas Gramáticas Tradicionais, que dificultam a aprendizagem, o aluno sente-se confuso e considera-se alheio à própria produção linguística que o envolve. Em se tratando do substantivo, este o conhece apenas de definições, muitas vezes inoperantes, até porque a gramática o define como palavras que nomeamos os seres.

Observando o substantivo e a sua importância no texto, procuramos desenvolver um trabalho sob a perspectiva linguística para que tenha progressão em relação a visão limitada da Gramática Tradicional, até porque o estudo da língua não é algo acabado, diante da realidade.

Dessa maneira esta análise abordou reflexões acerca do substantivo e propôs uma contribuição para as gramáticas, uma vez que apresenta novos aspectos, voltados para o mundo real dos falantes.

Como o leitor pode observar não somos contra o uso da gramática, mas sim adversos à maneira como esta vem sendo abordada nas gramáticas e Livros Didáticos. Isto porque a forma como é elaborado o Livro Didático a gramática fica isolada do contexto deixando as definições cada vez mais confusas.

Somos sabedores de que toda leitura é *polissêmica*, por isso deixamos o leitor livre para opinar sobre os questionamentos aqui suscitados.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAULD, Antoine, 1612-1694. Gramática de Port-Royal/Antoine Arnauld, Claude Lancelot. Tradução Bruno Fregni Bassetto, Henrique Graciano Muracho. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001. (Clássicos).
- BAGNO, Marcos. Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editora, 2001.
- BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. 36ª ed. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1997.
- CEGALA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 43ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. 1917-1989. Nova Gramática de Português Contemporâneo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIAS, L. F. & AMORIM, Karine Jiana. Verbos no infinitivo na posição de substantivo: Uma abordagem enunciativa. Anais do XVII Seminário do GELNE. Fortaleza: UFCE, 2000.
- DIAS, L. F. (org.). Texto Escrito Interpretação. Ensino e pesquisa. João Pessoa: Idéia, 2001.
- DIAS, L. F. Gramática na sala de aula: da lição gramatical ao ponto discursivo. Vivência: Natal, 1998.
- DIONIZIO, A. P. & BEZERRA, M. A.. O Livro Didático de Português: Múltiplos Olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- NEVES, Maria Helena M. Gramática na Escola. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- PERINI, M. A. Sofrendo a Gramática. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- PERINI, M. A. Gramática Descritiva do Português. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- POSSENTI, S. Por que (Não) Ensinar a Gramática na Escola. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

FERREIRA, Luiz Antonio. Lições de Gramática. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

TUFANO, Douglas. Curso Moderno de Língua Portuguesa: primeiro grau 5ª s-2ª ed. São Paulo: Moderna, 1995.

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso
Universidade do Estado de Mato Grosso

Autor: Paulino, Edma Ap. Silva
 Titulo: _____

[illegible]